



A Catedral, 13 anos depois, é imagem de abandono

Catedral de Brasília ainda é obra inacabada

Wanda Célia e Roberto Fernandes

Brasília — Mais de meio milhão de turistas já visitaram a Catedral de Brasília. Conheceram uma obra de incomum e arrojada arquitetura e levaram, além de suas impressões pessoais, a lembrança de um forte calor no interior do templo e cartões-postais incompletos. Treze anos depois de inaugurada, a Catedral não recebeu ainda o revestimento interno, em 800 m² de vitrais, para permitir maior conforto térmico e controlar a luz em seu interior. "E o que previa o projeto do Niemeyer", confirma José Carlos Melo, Secretário de Obras do Distrito Federal.

Dois vitrais externos, dois estão quebrados, e o conjunto só foi devidamente lavado em 1980, quando o Papa passou por Brasília. "O revestimento interno é obra para a Cúria", diz Melo. "Isso é assim mesmo", acredita o arquiteto Antônio Marcos Vilela, funcionário do Governo do DF, acrescentando: "Igreja inacabada é sempre motivo para dizimos dos fiéis". O vigário da Catedral, Monsenhor Ferreira Lima, explica: "Este ano, por contenção de despesas, não usamos o material necessário para lavar os vitrais. Apenas água e sabão".

Com suas luminárias corroídas e infiltração nas colunas, a Catedral de Brasília é, na verdade, a peça principal em um rosário de obras inacabadas, ou mal-acabadas, da Capital federal. O Secretário de Viação e Obras, José Carlos Melo, aponta pelo menos outras três, projetadas pelo arquiteto Sérgio Bernardes no Governo do ex-Presidente Emílio Garrastazu Médici, quando Lúcio Costa e Oscar Niemeyer foram destituídos do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do DF.

— A sede do IBC, no Setor de Autarquias Norte, ficou só nas fundações — lembra Melo, que considera "suntuosos e às vezes muito pesados" os projetos de Sérgio Bernardes. "Além do IBC, a sede da Escola Superior de Guerra, atrás do Iate Clube, também ficou só nas

fundações". Construído, mas em parte, foi o Centro de Convenções: "Só que não foi possível a utilização de grama sintética e a instalação de grandes aquários, previstos no projeto original", afirma Melo.

Também pelas oscilações climáticas da Capital — quente de dia e fria à noite — naufragou o projeto dos super-aquários, com peixes de várias bacias brasileiras: "Os vidros, enormes, também não resistiriam às mudanças contínuas e bruscas de temperatura", opina Melo.

Pior sorte teve a torre de televisão da cidade. Construída para abrigar um restaurante, de onde se contemplaria toda a Esplanada dos Ministérios, com a Praça dos Três Poderes ao fundo, tornou-se "um marco do suicídio", diz o arquiteto Vilela. Em média, seis suicídios são registrados anualmente na torre.

Hoje à tarde, o Governador do Acre, Nabor Júnior, do PMDB, "numa promoção do Comando Militar do Planalto", fartamente anunciado nas TVs da Capital, hasteará a Bandeira Nacional. A cerimônia — troca da bandeira —, interrompida há cerca de um ano, retorna depois de sanados os defeitos em dois geradores que, desde o Governo Médici, içam a bandeira de 280m².

A troca da bandeira, na prática, tem sido realizada com mais constância. "Simbolizando uma Pátria una e indivisível, no projeto de Sérgio Bernardes", segundo Getúlio Ferreti, presidente da Novacap, o Pavilhão Nacional tem tido problemas. A 100 metros de altura, os seus 14 por 20 metros de pano verde e amarelo são sacudidos com violência pelo vento. A bandeira tremula com uma intensidade imprevista por Bernardes e termina rompendo-se enrolando-se no mastro.

A 200 metros da praça fica a única obra do ex-Presidente Jânio Quadros em Brasília: um pombal, construído por desejo da então Primeira-Dama, Eloá Quadros, conhecido na cidade como Monumento às Lavadeiras.